Irmãs de Jesus Bom Pastor

Pastorinhas

Itinerário da Lectio Divina

Em preparação ao Seminário
Sobre o ministério de cura pastoral

FICHA 3

Imagem da capa:
Jesus Bom Pastor com o seu povo (particular)
Autor: Pjerin Sheldija
Lugar: Igreja Krajn - Albânia

“ Exorto-te a reavivar o dom de Deus que há em ti”
(2Tm 1,6-11)

1. O contexto.

O apóstolo Paulo dirige este escrito ao discípulo e filho Timóteo, jovem responsável de uma comunidade. O ministério de Timóteo, de como se deduz do texto no seu conjunto, encontra dificuldades e também incompreensões que poderiam desanimar o jovem ministro. Neste contexto não fácil de serviço, Paulo exorta Timóteo a redescobrir as razoes profundas – teológicas do seu empenho apostólico. Nos versículos que precedem o nosso texto (vv. 4-5) Paulo recorda a forte ligação de afeto que o une ao filho Timóteo, um vínculo espiritual, que se tornou ainda mais sólido pelo testemunho de fé que a avó Loide e a mãe Eunice lhe deram na sua infância e juventude.

2. O texto.

v. 6: A exortação de Paulo se abre com a memória da consagração de Timóteo, que está na origem do seu ministério: *reaviva o dom de Deus que há em ti pela imposição das minhas mãos*. É evidente que Timóteo está atravessando um momento de dificuldade, se há o perigo que este dom possa se ofuscar. O verbo reavivar (*anazopurein*) recorda a ação de atiçar as brasas debaixo das cinzas. O fogo arrisca de apagar-se, o ministério pode perder o impulso e o entusiasmo. Já na primeira carta o apóstolo avia pedido ao discípulo: “*Não descuides do dom da graça que há em ti e que te foi conferido* ” (1Tm.4,14). A razão desta dificuldade pode ser a solidão por causa da separação de Paulo (v. 4), ou então a pouca idade de Timóteo: “*Ninguém despreze a tua jovem idade*“ (1Tm 4,12), talvez também um pouco de negligência no exercício espiritual: “*Exercita-te na piedade. A pouco serve o exercício corporal, ao passo que a piedade é proveitosa em*

tudo" (1Tm 4, 7-8). A resposta à crise é a memória daquele acontecimento, graças ao qual Timóteo recebendo o dom do Espírito Santo, foi constituído pastor da comunidade.

v. 7: A memória do dom recebido cria as condições para o exercício do ministério que o afasta da covardia para ser, ao contrário, assinalado da força, amor e sabedoria. A força (*dynamis*) é a fortaleza fruto do dom do Espírito, que não pode ser confundida absolutamente com a agressividade. É a "*parresia*" - franqueza – que produz uma grande liberdade interior, que afasta o medo de estar sós e abandonados, que dá a certeza de ser acompanhados e sustentados pela ação do Espírito que vem em ajuda à nossa fraqueza (cf. Rm 8,26). O amor (*agàpe*) é o amor oblativo de Cristo, aquele amor que se torna compaixão e partilha até o dom de si, a exemplo do bom pastor (cf. Jo 10; Jo 13). A sabedoria (*sophronusmòs*) é aquela do coração, isto é a capacidade de fazer um autêntico discernimento tendo diante de si e no coração a Páscoa de Cristo. A verdadeira sabedoria é a arte de escolher o que mais nos aproxima para viver em nós a Páscoa de Cristo, para assimilar os seus sentimentos (cf. Fil 2,6-11). É ainda, a capacidade de permanecer na justa medida, de ter aquele equilíbrio também nos sentimentos. A força e o amor não bastam, se faz necessário aquele discernimento, para saber ler os tempos, os lugares e os momentos, em modo tal que o dedicar-se aos outros não seja por um pouco de tempo – até gastar todas as forças – mas por toda a vida. A sabedoria se torna também a arte da perseverança.

v. 8: A conseqüência para Timóteo é "o não se envergonhar " daquele Evangelho (cf. Rm 1,16) do qual foi constituído arauto e que agora vê brilhar também na fraqueza do seu mestre – Paulo – que está na prisão. O sofrimento do apóstolo não é um incidente de percurso mas identificação a Cristo, Messias sofredor. Timóteo é convidado a não tornar estéril a provação que está vivendo, a não considerá-la um absurdo, mas ao contrario como o sinal evidente da autêntica modalidade com a

qual o anuncio cristão abre caminho nas dobras, às vezes contorcidas da vicissitude humana: a cruz.

vv. 9-11: Paulo faz, agora, uma feliz digressão sobre o conteúdo daquele Evangelho do qual é arauto, apóstolo e mestre. Se é verdade que um ponto importante para sair da crise é a memória dos dons recebidos, é igualmente certo que a memória do Evangelho é uma outra coluna (dom) sobre a qual se funda a alegre experiência do próprio ministério. A salvação é ao mesmo tempo eleição, que se enxerta não sobre as próprias capacidades (obras), mas sobre a simples e certa gratuidade de Deus, segundo o seu, projeto e a sua graça. Este chamado à salvação e à eleição agora se manifestou clara e definitivamente em Cristo: é o mistério que preparado deste sempre agora resplendece com toda a sua força e poder. É o Salvador (*soter*) que venceu definitivamente a morte e nos doa a vida sem fim. A memória do Evangelho – vitória sobre a morte por meio de Cristo – dá a possibilidade de inserir a própria vicissitude humana – com as suas luzes e suas sombras – num horizonte vasto: "*Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós*" (Rm 8,18). A memória da meta para a qual nos encaminhamos desenvolve uma atitude de paciência e perseverança.

3. Atualização

O serviço apostólico, a caridade pastoral são o lugar onde se faz frutificar o dom da Graça recebido. Todavia como nos testemunham as palavras de Paulo, aquele que é enviado arrisca de desmoronar sob o peso da responsabilidade e das dificuldades que encontra. A mesma experiência confirma que ao entusiasmo inicial, seguidamente sobrevém o desencanto que se não é vivido na fé, pode se tornar o início de tantas fugas e compensações que nada tem a ver com a nossa consagração e missão. A solidão, as incompreensões ao interno da comunidade

e mesmo só a frieza da vida comunitária podem estragar também a vocação mais certa e sólida.
Paulo exorta Timóteo a "reavivar" o dom. Esta imagem como evidenciamos no comentário, lembra a ação de atiçar o fogo que coberto debaixo de uma camada de cinzas, arisca de apagar-se seja por falta de ar como por ter consumido o material de queimar. É uma expressão que mesmo na sua dramaticidade, evidencia bem a idéia de um inicio explosivo ao qual segue um inexorável e lento declínio até ao completo apagamento. Dar respiro ao fogo, tirar a cinza, para Paulo é fazer memória do dom da graça que recebemos no dia da nossa consagração, fazer memória daquela efusão de graça que nos constituiu ministros e apóstolos. É deixar dilatar em nós o Espírito Santo que já vive e atua em nós mas que arisca de ser abafado pela centralidade de nós mesmas. De fato, o verdadeiro inimigo (a cinza) deste crescimento não são as circunstâncias adversas, que ao contrário tornam mais verdadeiro e pascal o nosso serviço, o verdadeiro inimigo, sou eu ou melhor aquele eu que quer conduzir de modo autônomo e independente também o dom de Deus. A memória daquele dia nos recorda que a vida espiritual exige cuidado, atenção, vigilância. Pedir com assiduidade a Cristo a proteção de nós mesmas.
A memória do Evangelho, é outra coluna sobre a qual o discípulo edifica a sua vida e a fecundidade da sua ação pastoral. Paulo recorda que não em virtude das nossas obras somos eleitos e salvos, mas pela graça segundo o projeto de Deus. A gratuidade da eleição e da salvação destrói toda a pretensão e todo o mérito, elimina de modo definitivo todo o temor e medo, abre o coração do apostolo à gratidão, à fortaleza e à caridade.
As conseqüências para Timóteo são claras: um espírito de força, de amor e de sabedoria. A sabedoria é assimilação progressiva da realidade da Páscoa de Cristo, em modo tal de saber optar, em cada circunstância, o que mais nos aproxima ou afasta dela. As dificuldades inevitáveis e todo ministério não se tornam

deste modo lugar de murmuração e de desânimo, mas ao contrario, a ocasião propícia (*kairòs*) para revelar que não nós mas a potência do Ressuscitado opera em nós. Ser arautos, apóstolos e mestres não é exercício acadêmico, nem tão pouco são títulos para fugir do caminho pascal, mas empenho e desejo que mais que a palavra, a vida – a nossa vida – seja manifestação da força renovadora da Páscoa de Cristo:"*Em verdade, em verdade, vos digo: Se o grão de trigo que cai na terra não morrer, permanece só; mas se morrer, produzirá muito fruto. Quem ama a sua vida a perde e quem odeia a sua vida neste mundo guardá-la-á para a vida eterna*" (Gv 12,24-25).

4. Em oração com a Palavra

1. Com o olhar de Cristo olho para os momentos de crise que vivo no ministério de cura Pastoral e me pergunto quais as causas que apagam em mim o entusiasmo inicial.

2. Nos momentos de dificuldade e de incompreensão quais são as razoes profundas que sustentam a minha fidelidade ao Senhor e ao ministério que me foi confiado?

3. Existe em mim situações de fuga ou compensações diante às dificuldades comunitárias e eclesiais? Quais são? Entrego-me à críticas e murmurações ou acolho a ocasião para me unir à força renovadora da Páscoa de Cristo?

4. O sofrimento do apóstolo não é um incidente de percurso mas conformação a Cristo. Como torno apostolicamente fecundas as provações que vivo?

Escrevo os pensamentos e os sentimentos que a oração da Palavra suscitou em mim para não esquece-los e partilha-los com as Irmãs

N.B. O que vivi na oração e que tomei nota, posso enviar diretamente à superiora geral para contribuir na preparação do Seminário sobre o nosso ministério de cura pastoral.

Partilha na comunidade

1. Invocar o Espírito Santo
2. Reler juntas o texto da Palavra meditada
3. Partilhar o que cada uma colheu na oração pessoal
4. Permanecer em silêncio para saborear o gosto daquilo que cada uma partilhou.
5. Agradecer pelo dom recebido

Se a comunidade quiser contribuir na reflexão sobre ministério de cura pastoral, uma irmã toma nota dos elementos essenciais da partilha para envia-los a sede provincial que recolherá e material em vista do Seminário e o enviará ao governo geral

.

Roma, casa geral
Abril de 2008